



GT 09. Antropologia das Mobilidades

Coordenador(es):

André Dumans Guedes (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Candice Vidal e Souza (PUC MINAS - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)

Sessão 1

Debatedor/a: John Cunha Comerford (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Sessão 2

Debatedor/a: Cristina Patriota de Moura (UNB - Universidade de Brasília)

Este grupo de trabalho pretende abrigar e pôr em relação pesquisas que tenham as mobilidades como objeto etnográfico. É nossa pretensão dialogar com trabalhos que abordem as formas, significados, experiências, narrativas e práticas de mobilidade em contextos os mais diversos: nas grandes metrópoles ou nas roças, nas matas ou águas, em aldeias ou instituições modernas, nas estradas e caminhos conectando ou localizando-se “entre” lugares como esses. Buscaremos assim aproximar trabalhos oriundos de distintos subcampos da antropologia: a etnologia indígena; a antropologia urbana ou feita nas cidades; os estudos do campesinato e dos povos e comunidades tradicionais; a antropologia da economia, da política, do estado ou da ciência. Inspirados por certas abordagens pioneiras surgidas nos estudos sobre o campesinato brasileiro, iremos privilegiar investigações onde a análise dessas múltiplas formas e modalidades de movimento esteja orientada pelas reflexões, linguagens e formas expressivas de que se servem aqueles (ou aquilo) que se encontra em movimento. Sugerimos igualmente que os trabalhos apresentados contemplem questões referentes à articulação das mobilidades com a organização de coletivos, identidades e institucionalidades; às desigualdades nas capacidades diferenciais dos sujeitos de se mover (ou não se mover) decorrentes de diferenças de classe, gênero, geração, etnia ou filiação religiosa; ou às inovações e problemas metodológicos associados ao estudo das mobilidades.

Tecnologia e agência humana no metrô de São Paulo

Autoria: Janice Caiafa (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Desde os seus inícios, as cidades se construíram como trajetórias, atravessadas por fluxos vindos de fora. Mumford (The City in History) assinala que as funções urbanas se desenvolveram quando a cidade se tornou capaz de atrair desconhecidos, como viajantes, foragidos ou comerciantes. Embora o povoamento urbano envolva igualmente um processo de fixação, uma força de atração (“magnet”) não cessa de abrir as cidades e produzi-las como espaço heterogêneo. O transporte coletivo é um grande agente das forças urbanas de diferenciação ao conduzir desconhecidos para longe de suas vizinhanças e fazê-los conviver durante essas viagens, produzindo uma “dessegregação” (Caiafa, Jornadas Urbanas), mesmo que provisória e local. Em São Paulo, grande metrópole brasileira, o metrô, inaugurado em 1974, assumiu grande centralidade, não só porque, como transporte de massa, consegue em alguma medida desafiar a concepção urbanística orientada para o transporte viário e particular, mas também porque tem preenchido a importante função de ordenamento do transporte em geral. Em 2010, iniciou-se a operação comercial da primeira linha totalmente automática (sem condutor humano) da rede paulista, a Linha 4-Amarela. Construída através de uma Parceria Público Privada, foi também a primeira linha concedida da rede. Tenho explorado, numa pesquisa etnográfica envolvendo observação participante e conversas com profissionais e usuários, as transformações que essas experimentações vêm produzindo no ambiente do metrô ? que chamei, a partir de works de Deleuze e



Guattari e de Latour, de "ambiente maquínico", aludindo à imbricação de componentes humanos e não humanos. Produz-se uma nova materialidade nesse meio sociotécnico quando, de várias maneiras, a agência humana é reconstruída, não só pela ênfase no componente tecnológico, mas também no contexto do novo regime de apropriação desse equipamento coletivo de transporte. Neste artigo abordo uma das figuras dessas transformações, o novo regime de gestão humana que acompanhou a implementação da automatização integral da condução na Linha 4-Amarela. As funções do metroviário ? operação, segurança e manutenção ? tendem a se combinar numa polivalência. Frequente nos fenômenos de automação na indústria, este aspecto está presente igualmente na experiência de automatização integral da condução no metrô de Paris, que também tive a oportunidade de estudar e que inspirou a implementação da Linha 4-Amarela. A partir sobretudo de conversas com interlocutores profissionais e de observação participante, exploro as controvérsias que se geram ? com apoio em works como os de Callon e de Latour ? no contexto da difusão dessas inovações, tecnológica e organizacional, na rede paulista.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: